

MULHERES E EMPREENDEDORISMO NO BAIXO GRAMAME (PARAÍBA)

Uma leitura de gênero

Loreley G. Garcia, Mônica Franch,
Sandra Raquew S. Azevedo e Idalina Santiago

1 Introdução

Apresentamos neste artigo os resultados da pesquisa *Mulheres na construção de ações empreendedoras na zona rural de João Pessoa – Um estudo de caso*, realizada por docentes e alunas da Graduação em Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba¹. O estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia (CNPq), através do edital 045/2005, que fomenta pesquisas sobre Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos.

A pesquisa investigou os significados, práticas e impactos de um projeto de intervenção cujas ações se destinam a mulheres de baixa renda, moradoras da área rural da Grande João Pessoa: o Projeto de Beneficiamento de Pimenta, desenvolvido pela Congregação Holística da Paraíba Escola Viva Olho do Tempo - Evot. Fundada como uma ONG- Organização não Governamental, a Evot alcançou a categoria de Oscip- Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, em 2005. Nossa análise foi norteada pela categoria gênero, buscando apreender de que modo as ações da instituição repercutiram na vida das participantes e em suas relações sociais, transformando ou, pelo contrário, reforçando os lugares de gênero socialmente atribuídos às mulheres no meio rural.

O trabalho de pesquisa foi realizado em 2006 e 2007, na região conhecida como Baixo Gramame, na bacia do rio Gramame, situada na fronteira entre os municípios de João Pessoa e Conde. Essa área, originalmente voltada para atividades produtivas rurais (pesca artesanal, agricultura de subsistência, coleta de animais silvestres, entre outros), está atualmente enfrentando o peso da especulação imobiliária, com a perspectiva de expulsão dos seus moradores mais antigos. Somando-se a isso, a Prefeitura de João Pessoa instalou no lugar, onde tradicionalmente habitavam sitiantes, pescadores e granjeiros, um conjunto habitacional com mais de 1300 moradias, para onde foram transferidas populações que viviam em áreas de risco, como lixões desativados. Relatos dos antigos moradores dessas comunidades assinalam o aumento da criminalidade e da violência desde então.

A partir do ano de 2004, a Evot desenvolve um projeto de desenvolvimento sustentável na área, mais precisamente nas comunidades de Engenho Velho e Gramame, em João Pessoa, e em Mituaçu, uma comunidade remanescente de quilombo, no município do Conde. As ações da Escola compreendem a revitalização histórica da área, atividades culturais e ecológicas, bem como projetos de empreendedorismo. A preocupação da Evot com a exploração do potencial econômico e cultural da região, na

¹ Além das autoras deste trabalho, participaram da pesquisa as graduandas em Ciências Sociais Ana Maria Rocha Cordeiro e Naldimara F. Vasconcelos, e a mestre em Sociologia Josilene Ribeiro. No primeiro ano, a pesquisa contou também com a participação de Rosalira Oliveira dos Santos (FUNDAJ) e de Noeme Brito, graduanda em Ciências Sociais.

perspectiva do desenvolvimento sustentável, fez com que o Baixo Gramame fosse a região escolhida em João Pessoa para o lançamento da Agenda 21 local.

A participação das mulheres é central na estruturação do trabalho, dentro e fora da instituição, de sorte que as primeiras atividades da Evot voltavam-se, principalmente, para o público feminino: o Ateliê de Costuras e Bordados Arte Viva e o Projeto de Beneficiamento da Pimenta. Nos contatos iniciais com as dirigentes da Evot, o grupo de mulheres foi apresentado como o carro chefe na condução e organização da comunidade, destacando-se pelo seu dinamismo e pela força de vontade. Algumas atividades atestavam essa iniciativa, como a Lanchonete das Meninas, a Tapiocaria da Baía, o Restaurante Rural da Benedita e a Quitanda da Judite, empreendimentos desenvolvidos pelas mulheres das comunidades em colaboração com o Sebrae.

De acordo com as dirigentes, as atividades com as mulheres se desenvolveram em consonância com uma filosofia muito cara à Oscip: trabalhar não a partir das carências e necessidades pessoais, mas dos sonhos individuais e coletivos. Dito de outro modo, o eixo que norteia as ações da Evot é o princípio da troca de conhecimentos, buscando despertar no indivíduo sua autonomia e acreditando no seu potencial. A instituição investe na transformação a partir do interior de cada pessoa, propagando-se daí as mudanças para a sua família, sua comunidade e seu ambiente. No decorrer da pesquisa, a visão oficial da Evot foi complementada, e muitas vezes contrastada, com as experiências, expectativas e opiniões das mulheres participantes desses projetos, mais especificamente do Projeto da Pimenta, que foi escolhido para nosso estudo de caso.

O Projeto de Beneficiamento da Pimenta é um subprojeto do projeto guarda-chuva Empreender, em articulação com a Prefeitura de João Pessoa. Nele, foram realizadas capacitações sobre manipulação de alimentos em parceria com o Projeto Cozinha Brasil e também um curso sobre agricultura orgânica. A comercialização dos produtos agrícolas da comunidade é realizada na feira do bairro de Valentina Figueredo e na feira do Cinturão Verde. A comunidade ainda dispõe de uma quitanda com três pessoas trabalhando. A Evot ajudou a montar a quitanda, com planejamento de plantio e levantamento dos preços. Além disso, organizou uma capacitação para pequenos empreendimentos, em parceria com o Programa de Extensão do CEFET-PB.

A perspectiva do projeto era formar um grupo de mulheres para implantação de uma cooperativa com expectativa de geração de renda. A meta a ser atingida era o plano do SEBRAE, ou seja, construir um plano de negócio e criar um empreendimento. Todavia esse projeto foi comprometido e não logrou a sustentabilidade desejada. Em 2005, quando do início das atividades, o Projeto da Pimenta agregava 14 mulheres das comunidades de Engenho Velho e Mituaçu. Quando iniciamos nossa pesquisa, um ano depois, apenas três mulheres continuavam engajadas, e a produção havia diminuído sensivelmente. Um olhar externo poderia pôr a luz alguns dos dilemas presentes nessa intervenção, mais difíceis de identificar por aqueles que estão diretamente envolvidos nas ações.

Desenvolver uma pesquisa num projeto de pequenas dimensões pode parecer, a princípio, pouco relevante. Entretanto, nossas indagações se inserem no esforço maior por conhecer e melhorar a situação das mulheres rurais. Esforço este que vem mobilizando as atenções da academia, dos movimentos sociais e do poder público de forma crescente desde os anos 1980 (SCOTT; CORDEIRO, 2006). Nesse sentido, a presente análise constitui um ponto de partida interessante, uma vez que a Evot joga hoje um papel importante na busca pelo desenvolvimento sustentável da região do Baixo Gramame, com ações passíveis de impactar a vida das mulheres nessas áreas.

Além disso, as ações da Evot, e mais especificamente o Projeto da Pimenta, apresentam algumas características que podem ajudar a conhecer melhor não só os

aprendizados, mas também os impasses de projetos de desenvolvimento voltados às mulheres rurais. Em primeiro lugar, embora boa parte dos projetos se destine a mulheres, a Evot não se propõe a trabalhar explicitamente com um enfoque de gênero. Essa é uma situação bastante comum nos projetos de desenvolvimento rural, que freqüentemente privilegiam a categoria “família”, sem considerar as hierarquias de gênero e geração que perpassam a unidade familiar. Pode-se pensar em vários fatores que contribuem à ênfase na categoria “família” nesse tipo de intervenções. Por um lado, a “agricultura familiar” costuma ser colocada como contraponto, resistência e alternativa ao agronegócio, sendo uma bandeira encampada por movimentos progressistas e em prol do desenvolvimento sustentável. Além disso, o modo de vida rural costuma ser apresentado como impermeável às mudanças e pautado pela tradição, numa visão que se articula com algumas das dicotomias clássicas nas ciências sociais como comunidade X sociedade, tradição X modernidade, solidariedade mecânica X solidariedade orgânica. (PAULILO, 2004). Nesse sentido, trabalhos que evidenciem as hierarquias de gênero e geração podem ser vistos como ameaças à ordem ideal, representada pelo modelo de família patriarcal, em que o pai é a figura principal de autoridade.

A literatura recente sobre mulheres rurais chama a atenção ao modo como as hierarquias de gênero se traduzem em desigualdades de direitos, notadamente no diferencial acesso à terra e à herança, bem como na invisibilidade do trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres (BRUMER, 2004; CARNEIRO, 2001; PAULILO, 2004; SILIPRANDI, 2000). A busca por equidade nesses quesitos tem servido de mote para a organização de mulheres rurais nacionalmente. Afora a organização política, a introdução de novas alternativas para auferir renda pode facilitar o acesso das mulheres a recursos econômicos, ampliar seu capital social e, em última instância, melhorar sua posição na família e na sociedade. Porém, isso não ocorre de forma automática, uma vez que essas alternativas podem também ser incorporadas na categoria de “ajuda” do trabalho principal, masculino, em nada diminuindo as desigualdades de gênero. Nesse sentido, é interessante conhecer melhor as implicações de intervenções com mulheres rurais que não incorporam a abordagem de gênero, como ocorre nas ações da Evot. Quais os limites de uma intervenção com mulheres que não leva em consideração a perspectiva de gênero? E também, quais são os impactos nas relações de gênero que uma determinada intervenção, mesmo sem ter o enfoque de gênero, pode provocar?

Outro aspecto relevante da intervenção desenvolvida pela Evot, e que figurou entre as motivações deste estudo, é o fato de colocar em interrelação mulheres representantes de diversas situações e identidades. As dirigentes fazem parte, em sua maioria, das camadas médias urbanas e possuem educação superior. Já as destinatárias das ações são mulheres de baixa renda, nascidas no meio rural e com pouca escolaridade. Fazer parte de duas classes distintas não significa apenas ter mais ou menos acesso a recursos econômicos. A classe social, como também a origem (urbana ou rural), proporciona também uma visão de mundo e uma experiência de vida específica, que transparecem nos valores e significados de gênero. No concernente à etnicidade, o grupo de dirigentes contempla uma pluralidade de origens (afro-descendente, asiática e branca), diferentemente das destinatárias, que em sua maioria são pardas e negras. O componente étnico ficou evidenciado, sobretudo, nas dificuldades que a entidade enfrentou para implementar seus projetos na comunidade de Mituaçu, remanescente de quilombo, até o ponto de ter encerrado as atividades do Projeto da Pimenta nesse local. A diversidade também está presente, por fim, no interior de cada um desses dois grupos (dirigentes e destinatárias), sendo a negociação das

diferenças um desafio constante na Evot como, de resto, em boa parte dos projetos de desenvolvimento.

Uma terceira característica da proposta da Evot, é sua ênfase no empreendedorismo, a partir da inserção institucional de boa parte das ações no Projeto Empreender, anteriormente mencionado. O empreendedorismo ocupa uma posição ambígua no campo do desenvolvimento e, mais especificamente, nos projetos voltados às mulheres e à transformação das relações de gênero. Diante da dificuldade dos mercados formais de trabalho para absorverem satisfatoriamente a mão de obra feminina, as ações empreendedoras são identificadas por alguns agentes de desenvolvimento como escapatórias à pobreza e possibilidades concretas de geração de renda. Nessa perspectiva, pensa-se que tais ações gerariam automaticamente mudanças nos lugares tradicionais de gênero, ao possibilitar às mulheres acesso a recursos econômicos e a posições de poder. Já para outros autores, a adesão das mulheres a ações empreendedoras não necessariamente equilibra as relações de poder dentro das famílias, nem melhora sua posição na sociedade (PADILHA, 2008). Indo mais longe, o empreendedorismo é acusado, por vezes, de ser eufemismo para a informalidade, ocultando processos de precarização da mão de obra que não raro tornam mais difícil a vida das mulheres.

Neste trabalho, o empreendedorismo aparece como uma noção do campo, articulando práticas e representações orientadas para fora (busca de parcerias) e para dentro da instituição (projetos de empreendimento e metodologia de trabalho). Nesse sentido, a opção pelo empreendedorismo encontra sua tradução simbólica nos princípios holistas, que configuram a auto-definição da instituição (Congregação Holística Escola Olho do Tempo), principalmente na idéia de trabalhar com os sonhos e não com as necessidades dos beneficiários, na ênfase no potencial interior para a transformação das próprias condições de vida, e na organização do trabalho institucional em “rede”, em oposição a estruturas mais hierárquicas. No que tange especificamente às relações de gênero, a inserção da Evot no campo dos chamados neo-esoterismos também coloca questões para a reflexão, uma vez que o *feminino* aparece freqüentemente como um elemento estruturante nessas práticas, veiculando valores ligados à espiritualidade e aos princípios ecológicos (SCHWADE, 2004). No caso específico da intervenção analisada, mais do que uma criação simbólica de um *feminino* depositário de valores, a perspectiva neo-esotérica parecia se contrapor a uma abordagem de gênero pela sua ênfase no humano genérico: “a nossa meta é atingir pessoas, seres humanos que estão despertando para alguma coisa” (entrevista com dirigente da Evot).

As características acima mencionadas tornaram as ações da Evot, e mais especificamente o Projeto da Pimenta, uma experiência interessante sobre a qual se desenvolver um estudo de caso, adotando uma perspectiva de gênero. Vale notar que estudos de caso sócio-antropológicos constituem abordagens muito produtivas na análise de experiências de projetos de desenvolvimento, ao permitirem contrastar diversas visões em jogo, verificar os entraves e avanços no processo com vistas inclusive ao aproveitamento dessas experiências em projetos maiores, a troca de conhecimentos dentro desse campo e, em alguns casos, o questionamento de suas premissas (POTTIER, 1993). Entretanto, a realização desses estudos não tem acompanhado o notável crescimento dessas iniciativas, alavancadas pelo fortalecimento da sociedade civil no Brasil e no mundo. Nesse aspecto, este trabalho soma-se a outras iniciativas semelhantes, ressaltando que ainda se torna necessário aumentar o conhecimento das dinâmicas e dos impactos desses projetos, que são vistos hoje como possíveis alternativas para minimizar as desigualdades e levar desenvolvimento, ou

melhoria na qualidade de vida, de vários segmentos (BURGHART, 1993; GARBER; JENDEN, 1993; PISCITELLI, 1996).

O desenho da pesquisa priorizou dois eixos. Em primeiro lugar, buscamos realizar uma análise das relações estabelecidas pelas mulheres envolvidas no planejamento e execução das ações do Projeto da Pimenta, situando-as em relação às condições sócio-econômicas e culturais das suas proponentes e participantes, levando em consideração as hierarquias e diferenças existentes entre elas – raça, classe social, geração e origem (rural ou urbana). Quais são as representações que dirigentes e destinatárias têm sobre si e sobre as outras mulheres? Como se processam as negociações para definição de atividades, papéis a serem desempenhados, objetivos e processos de avaliação?

Em segundo lugar, tentamos conhecer e avaliar o impacto do projeto na vida cotidiana das mulheres envolvidas, principalmente no que diz respeito a mudanças em sua autonomia e na distribuição de poder nas relações domésticas e comunitárias, processos que na literatura especializada costumam ser incluídos no conceito de “empoderamento”. Até que ponto a participação das mulheres no projeto trouxe transformações na sua posição de gênero? Que outros impactos decorreram da participação no Projeto?

Para alcançar nossos objetivos, utilizamos entrevistas e observação direta como as principais técnicas de pesquisa. As entrevistas semi-estruturadas seguiram roteiro específico para cada um dos grupos (dirigentes e destinatárias), de modo a pôr em evidência as vozes das várias mulheres envolvidas no Projeto da Pimenta, sublinhando as semelhanças e diferenças entre as percepções a respeito do processo no qual estavam coletivamente engajadas. Para isso, partimos da idéia de que o Projeto da Pimenta podia ser compreendido como uma “arena de interação social”, na qual as mulheres negociavam os significados das suas ações. As entrevistas, bem como a observação direta, propiciaram a oportunidade de captar uma leitura específica das diferentes personagens envolvidas, seus conflitos e alianças em torno deste processo de negociação.

Os resultados da pesquisa foram publicados num livro (GARCIA; FRANCH, 2008) e apresentados às entrevistadas em duas reuniões – uma com as dirigentes, outra com as beneficiárias.

2 Mulheres e diversidade: os vários ângulos do Projeto da Pimenta

Para compreender melhor como mulheres tão diferentes interagiram no Projeto, nos inspiramos em Schmidt e Tannenbaum (2000), que apontam um leque de diferenças passíveis de gerar discordância entre grupos. Entre elas: os *fatos*, ou seja, quando os grupos elaboram diferentes interpretações que levam à aceitação ou rejeição de determinadas informações; os *objetivos*, isto é, diferentes visões do que pode ser alcançado, dependendo do lugar e da posição que os sujeitos ocupam numa dada situação; os *métodos*, discordância em torno dos procedimentos, estratégias e táticas que devem ser adotados; e, por fim, *valores*, quando entram em choque atitudes éticas e considerações de ordem moral.

Se partirmos do mote do projeto Empreender, percebemos que a noção de empreendedorismo comporta uma multiplicidade de interpretações para as dirigentes e para as mulheres beneficiárias do Projeto Pimenta. Pode-se afirmar que as dirigentes são empreendedoras, de acordo com a noção usual desse conceito (HISRICHE; PETERS, 2002), isto é, elas conseguiram criar uma nova atividade, abrindo e aproveitando oportunidades para isso. Essa nova atividade tem dois aspectos: a revitalização

econômica da região do Baixo Gramame, a partir de uma série de projetos para a geração de renda, entre os quais a Pimenta; e a indução a mudanças de atitude dos moradores em relação a sua percepção de sua capacidade como agentes de sua própria vida. Fogo, uma das idealizadoras da Escola², é quem melhor apresenta esse perfil:

Aí quando eu completei 50 anos, bom, agora eu já estou boa pra inventar qualquer coisa. Aí sentada no quintal, entre aquelas plantas maravilhosas...: “Eu vou vender essas coisas todas que eu tenho”; porque essa transformação começa na gente mesmo. “Aí vou abrir uma escola e vou aprender coisa, eu vou colocar essas coisas que eu aprendi na minha vida em prática e vou ver se eu tiro dez na minha prova”. Enfim, peguei juntei todas as coisas, vi o que tinha dentro da casa que eu podia aproveitar pra tirar dinheiro... e saí procurando um lugar que tivesse água pra dá minha contribuição ao universo, e achei aqui.

Como se pode perceber no trecho acima, trata-se de um empreendimento que não persegue a geração de renda. Essa característica precisa ser compreendida em relação com a situação sócio-econômica das dirigentes, três delas já aposentadas e com uma situação financeira acorde com suas expectativas de consumo. O perfil da quarta dirigente difere em relação a essas três, pois trata-se de uma mulher jovem, moradora da região, que espera obter da Escola profissionalização e um meio de vida. Para as três dirigentes aposentadas, a ação de empreender é claramente voltada à auto-satisfação, na medida em que se credita à Evot a possibilidade de crescimento pessoal, inclusive na sua dimensão de espiritualidade:

Todos nós acreditamos que a gente conseguiria um crescimento mais a nível espiritual, em busca da paz, da felicidade mesmo, fazendo o bem, fazendo... buscando sempre essa... entender esse funcionamento da natureza, o funcionamento das pessoas. Então, como é que a gente pode ajudar ao outro? Como a gente pode despertar a gente mesmo pra poder estar sempre ajudando um ao outro? Acho que é um pouco nesse sentido, sabe. (Água)

A participação na EVOT aparece, para suas dirigentes, não apenas como um trabalho, mas como um projeto de vida, que se apóia numa visão messiânica de sua ação e em representações do trabalho como fonte de aprimoramento pessoal. Com efeito, as dirigentes acreditam estarem contribuindo com uma mudança positiva na vida das comunidades, o que reflete imediatamente numa mudança positiva nelas próprias. Trata-se de uma visão circular, dialógica, onde a ação tem poder transformador sobre o agente tanto como sobre o atuado. Em outros termos, a ação da Evot, de acordo com essa percepção, pode ser lida a partir da Teoria da Dádiva (MAUSS, 1974), uma vez que inaugura um circuito de trocas materiais e simbólicas entre a Oscip e as três comunidades.

Já para as participantes do Projeto Pimenta, a idéia do empreendedorismo não reporta tanto ao crescimento pessoal, e sim à capacitação para obtenção de renda. Essa expectativa veicula representações do trabalho como meio de sobrevivência, e não enquanto fonte de satisfação individual, como aparecia entre as dirigentes. Tratando-se de comunidades de baixa renda e com poucas possibilidades de angariar recursos, a

² Todos os nomes foram substituídos por pseudônimos relativos a características de cada um dos dois grupos em questão. Nomeamos as dirigentes a partir dos quatro elementos (água, terra, fogo e ar) e atribuímos às beneficiárias nomes de tipos de pimentas.

instalação da Evot é vista como uma oportunidade para suprir essa ausência. A expectativa financeira foi especialmente evidenciada na comunidade de Mítuaçu, não por acaso o lugar mais afastado da área urbana de João Pessoa, e entre as mulheres jovens casadas, em fase de expansão do grupo doméstico. Os trechos abaixo dão uma noção dessa expectativa:

[eu esperava] que a gente ia se dar bem, que a gente ia trabalhar... a gente pensou até que ia ganhar alguma coisa com isso, né, dinheiro, porque a gente trabalha porque precisa. Eu pensei que a gente ia ganhar dinheiro todo mês. (Jalapeño)

E nós querendo ir, porque a gente foi nascida e criada na agricultura, nunca quer morrer na agricultura que nem os nossos pais, né. Sonhava com coisa melhor. [...] No começo eu achava que era assim, vamos dizer, o lugar certo de tirar o pé da lama, só que a gente deu com os burros n'água. (Dedo de Moça)

Inicialmente, as participantes da Pimenta mulheres acreditaram que estavam, através desse e de outros projetos oferecidos pela instituição, começando uma ação empreendedora. Entretanto, a frustração da expectativa de auferir renda levou ao desinteresse da maioria delas com conseqüente abandono do Projeto. Pensando na ação da Evot como um círculo de dádiva, apenas três mulheres sentiram-se integradas nele, e ainda permanecem na instituição. Elas recebem da Evot crescimento interno, renda esporádica, sociabilidade e reconhecimento e doam tempo e trabalho na produção das pimentas e apoio. Tornam-se, deste modo, a porta de entrada da Escola nas comunidades:

Eu fui para EVOT em busca de um sonho que é trabalhar com informática, fui atrás do meu sonho. (Cumari)

Porque pra mim é até um lazer, eu nunca trabalhei fora, depois que eu me casei fiquei só nessa rotina de casa, de dona de casa de criar filho, era até difícil pra trabalhar com cinco filhos, e agora to livre, leve e solta [risos] pra mim é até um divertimento, eu acho bom, foge da rotina, é diferente e isso é que eu gostei, estou sempre envolvida em alguma coisa, sempre, sempre. (Pimenta do Reino)

Pensando na situação das três mulheres que se sentem inseridas no circuito da dádiva, é interessante perceber seu momento em relação ao ciclo de expansão do núcleo doméstico (FORTES, 1958): as três mulheres se encontravam no momento de dispersão de suas famílias, com os filhos já crescidos e parcialmente autônomos – situação que as aproxima das três dirigentes. Uma quarta beneficiária, que havia saído da Pimenta mas continuava vinculada a outras atividades da instituição, ainda não havia constituído seu próprio núcleo doméstico, encontrando-se disponível para o investimento em seu futuro individual através da informática. O círculo da dádiva, incorporando uma moratória temporal entre o dom e a sua retribuição, exige de seus participantes a suspensão da urgência em prol da manutenção das trocas. Não por acaso, as mulheres que abandonaram o Projeto são chamadas pelas dirigentes e por aquelas beneficiárias que estão inseridas no círculo da troca como “imediatistas”, acusação que evidencia a exigência de um tempo a investir no círculo.

As onze mulheres que abandonaram o Projeto da Pimenta não se consideram, portanto, inseridas no círculo da dádiva, ou pelo menos não subtraem da Evot

compensações suficientes para prosseguir no projeto, mesmo quando reconhecem aspectos positivos na intervenção, como a sociabilidade, a abertura para conhecer novas pessoas e lugares. Em casos extremos, percebe-se uma reciprocidade negativa, pois as pimenteiras pensam que dão muito mais (tempo, trabalho, saúde, gasto com transporte) do que recebem, acusando a Oscip de explorá-las ou de enriquecer às custas de seu trabalho.

Não dava lucro pra gente... a gente só gastava, gastava, gastava, e não tinha lucro. Porque a gente pagava passagem pra vim... nos dias e não tinha retorno pra gente. (Pimenta de Cheiro)

A pimenta não achei bom, não. Eu não gostei não porque eu adoeci. Aí eu não gostei por causa disso, né, porque eu adoeci com um queimor no pé, aonde o caldo da pimenta batia. (Cambuci)

Um segundo aspecto a ser considerado ao se discutir as diferenças entre as mulheres é a forma de organização do trabalho no Projeto Pimenta, isto é, de que modo se processam as negociações para definição de atividades, papéis a serem desempenhados, objetivos e processos de avaliação. A metodologia de trabalho da Evot não é clara, porém ficou notória a divisão entre trabalho intelectual (planejamento, seleção de projetos, articulação e contatos com parceiros etc.), desenvolvidos pelas dirigentes da Evot, e o operacional (processamento da pimenta, fabricação dos doces e venda), realizado pelas pimenteiras da comunidade. Essa diferença entre as funções de umas e outras não rompe com a divisão tradicional de trabalho pensante e braçal, destinando o primeiro para as mulheres de classe média e com ensino superior, e reservando o segundo para aquelas com baixa escolaridade e renda: “Eu só achei ruim uma coisa, porque eu ia participar de tudo, mas quem sabia ler sabia de tudo e quem não sabia ficava só olhando”. (Caiena).

Claramente, portanto, o processo de trabalho não contribui para o empoderamento e autonomia das destinatárias, pois não propicia inserção nos espaços públicos, seja no planejamento das ações, seja no exercício da tomada das decisões. A pouca participação das mulheres das comunidades nos processos decisórios das atividades da Evot redundava numa intervenção de caráter vertical, onde não se verifica a tão propalada emergência dos sonhos, pelo menos no caso do Projeto Pimenta. Talvez essa ausência explique o fato de as mulheres não se sentirem partícipes da Evot, e manifestarem uma série de críticas, reais ou imaginárias, que vão desde as queixas relativas à falta de transparência até o questionamento do gerenciamento das ações.

Apesar do discurso da Evot enfatizar que as ações são construídas coletivamente, a partir dos anseios das comunidades, o que o Projeto da Pimenta nos revela é que as ações, nesse caso específico, foram construídas ao acaso, sem qualquer planejamento, consulta prévia ou mecanismos de monitoramento e avaliação. Esse amorismo ou espontaneísmo das ações gerou, nas mulheres, aquilo que a própria Oscip sempre criticou, a desmotivação. Depois de dois anos investindo no Projeto, sem perceber a renda esperada, sem perspectiva de melhora, passando por percalços em viagens sem estrutura e sofrendo pressões na família, não viram mais sentido em permanecer nesse Projeto.

2 Impactos do projeto e relações de gênero

Os impactos que a participação no Projeto da Pimenta e, de modo geral, nas atividades da Evot trouxeram para as mulheres podem ser divididos, de um lado, em

individuais e coletivos e, do outro, em negativos e positivos. O único impacto coletivo diz respeito ao papel da Evot na mediação com a esfera governamental e outros agentes de desenvolvimento, na visibilidade da região e na possibilidade de investimentos públicos na área.

Quanto aos impactos individuais, a maioria das mulheres, mesmo as que abandonaram o projeto, relatam várias melhoras advindas de sua participação nas atividades da instituição. Essas melhoras dizem respeito à sociabilidade – “conhecer mais pessoas” – e ao desenvolvimento de habilidades, não apenas técnicas (“aprender a mexer com pimenta”) mas também de ordem pessoal e interativa, como “aprender a falar”, “perder a vergonha”, “aprender a vender”. Nesse sentido, a Evot aparece às vezes como uma via para se alcançar o auto-conhecimento e fortalecer a auto-estima (“fortalecer o ego”).

Igualmente, as feiras onde os derivados da pimenta são comercializados parecem ter tido um papel importante na abertura de horizontes ao permitirem às mulheres conhecerem “culturas diferentes”. As viagens, ligadas tanto às feiras como a capacitação, também são enfatizadas nesse sentido. Cursos, capacitações e seminários fazem parte, em alguns casos, dos impactos positivos mencionados pelas mulheres participantes.

Foi uma experiência muito grande, eu moro aqui, nascida aqui, mas nunca fui ao Porto de Cabedelo, nunca tinha visto um navio, lá me proporcionou isto...aprendi muita coisa, umas culturas diferentes, ate o jeito de se expressar com as pessoas, eu não sabia. (Dedo de moça)

A gente conhece gente de fora, de outros lugares, prova comidas que a gente nunca comeu, são varias coisas, novos amigos das outras comunidades, ter contato que não tínhamos. (Pimenta de cheiro).

Para algumas mulheres idosas, o Projeto da Pimenta foi uma forma de “sair de casa”, constituindo assim “um passatempo” importante em seu cotidiano. Já no que diz respeito aos aspectos materiais, poucas são as mulheres que referem ter tido um impacto positivo em suas finanças após a inserção nas atividades da Evot.

Entretanto, houve também impactos negativos advindos da participação do Projeto da Pimenta e nas atividades da Evot. Duas mulheres afirmam ter adoecido em decorrência do manejo da pimenta, sem ter recebido apoio da instituição para lidar com esse transtorno. O caso mais sério de impacto negativo é o de uma Cambuci, que, através da Evot, fez um empréstimo com o Pronaf para a criação de galinhas. Segundo essa mulher, o projeto não vingou e ela ainda adquiriu dívidas. O saldo de sua passagem pela Evot foi, a julgar pelo seu depoimento, uma queda na renda e na qualidade de vida. Em outros casos, a Evot parece não ter impactado em nada a vida das mulheres, não tendo trazido contribuições, mas também nenhum prejuízo.

Outra forma de perceber o impacto da intervenção no que diz respeito às relações de gênero é analisar o apoio familiar para a participação das mulheres no Projeto da Pimenta. A questão do apoio ou da oposição das redes próximas às mulheres (família e comunidade) informa sobre o contexto em que o Projeto se desenvolveu, sobre o processo individual de entrada e saída dos projetos e, por fim, sobre a forma como as relações de gênero se organizam nas comunidades. Percebe-se que, de um modo geral, a família apóia a participação das mulheres na medida em que existe possibilidade de ganho financeiro, mas se esse retorno demora, e se a presença das mulheres nas atividades do projeto compromete o tempo dedicado às tarefas domésticas, essa participação é desestimulada ou até mesmo proibida. Conflitos

familiares surgem nesse momento, e a Evot, mesmo tomando conhecimentos disso, não interfere por considerá-los de foro íntimo.

É importante destacar que esta lógica está ligada ao momento de desenvolvimento do ciclo familiar (FORTES, 1958) e, conseqüentemente, ao papel socialmente atribuído às mulheres em cada um desses momentos. Mulheres jovens solteiras não enfrentaram uma oposição da família ou, no máximo, precisaram encarar uma oposição fraca, facilmente contornável.

O quadro muda no caso de famílias em fase de expansão de seu ciclo doméstico, isto é, mulheres casadas com crianças ainda dependentes econômica e socialmente. A saída das pimenteiras para as atividades da Evot, nesses casos, precisa ser legitimada não diante dos pais dessas mulheres, mas principalmente, de seus maridos, que cobram sua presença em casa, sobretudo se não houver retorno financeiro. Deste modo, as quatro mulheres casadas na faixa de 29 a 30 anos foram as que mais sofreram pressão por parte dos maridos para o abandono das ações da Evot. A forma como essa pressão aparece, porém, é diferente no caso de Tabasco, cujo marido não interferiu em demasia, e no de Malagueta, que enfrentava ameaças de divórcio. A continuidade do núcleo familiar é, em todos os casos, defendida pelas mulheres. De fato, é a responsabilidade das mulheres com sua família que justifica tanto a busca de uma atividade externa, como seu abandono quando não é possível conciliar as duas esferas – Projeto e família. Nesse sentido, embora o Projeto possa ter trazido contribuições em termos de sociabilidade, auto-estima e auto-confiança, ele não se traduz numa maior presença de projetos individuais para essas mulheres (os “sonhos”), nem na distribuição das tarefas domésticas.

Na minha família, ninguém nunca concordou. Nem meu pai, nem meu marido, não gostavam (risos) Não gostavam não, porquê desde o começo eles achavam assim, que Fogo queria crescer na vida usando a gente, era um...eles usavam esse termo mesmo! [...] Não, quando eu saí de lá, eles falavam assim “não, eu não falei pra você que isso não ia dar certo e aquela mulher é enrolona”. (rs) Essas coisas assim que eles falavam. Era assim, eles botavam pra baixo. Quando eu fui, eles botaram pra baixo, quando eu saí, foi que botaram pra baixo mesmo. Só negativo... (Dedo de Moça).

A mesma lógica ajuda a compreender o fato de que seja entre as mulheres de mais idade que menos observamos interferência negativa das famílias. Oito mulheres encontravam-se na fase conhecida como de dispersão do ciclo doméstico, isto é, com filhos já casados, relativamente independentes, e às vezes até com netos. Nesses casos, a responsabilidade maior com o núcleo familiar já foi cumprida, sendo portanto possível sair de casa em busca da sociabilidade, da aprendizagem ou da realização de desejos antigos.

Eles falavam pra mim ir, sair um poço de casa né, que a gente só dentro de casa fica estressado sem fazer nada, né. Faz as coisa em casa, aí fica sem fazer nada...Meu marido não reclamava, não...Ele deixava eu ir... [...] Meu marido me influenciava muito, ele...pra qualquer coisa que eu quero fazer, assim, uma escola, participa de alguma reunião, ele gosta muito, né. Ele não fala nada...Ele fala pra mim ir. As vez eu falo que eu não quero ir, aí, ele: “não, vai que é bom”, e tal. (Pimenta Rosa)

O meu marido, ele não concorda com nada. Ele não concorda com nada nesse mundo. Tudo pra ele... tudo pra ele é besteira, ignorância, é perda de tempo... e as crianças, as crianças não tem... assim, quando eu quero eu vou, eu sempre acostumei eles assim, eu sou a mãe, as vez eu faço uma mesa redonda, mas se eu decidir, eles assinam embaixo. (Calabresa)

4 Considerações finais

Pensando nas tensões entre empreendedorismo e gênero anteriormente apresentadas, uma primeira constatação que pode ser feita é a de que empreender não significa necessariamente empoderar, sobretudo quando as instâncias de poder e de controle social são desiguais e o empreendimento não atinge sua meta, que é gerar renda. No Projeto da Pimenta ora discutido, a falta da perspectiva de gênero acabou por ser um dos fatores da descontinuidade, pelo fato de não se considerar o papel econômico das mulheres na comunidade. Com efeito, as mulheres possuem responsabilidades muito bem definidas que colocam limites até onde elas podem arriscar numa atividade empreendedora por tempo definido. O que a Evot interpretou como imediatismo, em verdade, reflete o quanto está consolidado o papel produtivo das mulheres nessas comunidades.

Na área rural há ainda a dificuldade de se enxergar a contribuição das mulheres enquanto trabalho, o que também gerou problemas na intervenção. As mulheres, por exemplo, estão fora do projeto Mandala de produção agrícola, reservando-se a elas atividades que reforçam os lugares tradicionais de gênero: bordado, pimenta e costura. O trabalho produtivo das mulheres, na visão das dirigentes e delas próprias, aparece mais como uma “ajuda” do que como parte efetiva integrante da renda familiar, mesmo quando muitas vezes elas se configuram como o único esteio da família. Acreditamos que um projeto voltado ao empoderamento nas suas várias facetas, principalmente no aumento das oportunidades econômicas, educativas ou de saúde, teria sido mais eficaz para essas mulheres, que certamente teriam ocorrido e participado ativamente.

Articulada à abordagem de gênero, as questões de geração e etnia oferecem novas pistas para compreender as dificuldades e impasses de projetos de empreendedorismo voltados às mulheres rurais. Como vimos, o momento do ciclo de vida das mulheres, que precisa ser entendido em relação ao processo de formação de famílias, influencia o tipo de demanda de intervenção. Entende-se, desse modo, que as atividades voltadas à juventude (estando a categoria jovem proximamente atrelada ao estado de solteiro e sem filhos) figurem hoje entre as de maior sucesso na Evot, e que a mulher casada, em fase de expansão de seu grupo doméstico, seja a mais refratária às ações, que vem adquirindo uma feição lúdica, mas não lucrativa. Lógica semelhante se aplica às mulheres de mais idades, e é interessante perceber como dirigentes e beneficiárias se aproximam nesse quesito. Por fim, o papel produtivo das mulheres apareceu com mais força em Mituaçu, comunidade remanescente de quilombo, sendo esse o lugar onde também se verificou o maior embate instituição/beneficiárias.

Apesar de não trabalhar com gênero, as atividades do Projeto da Pimenta terminaram ocasionando alguns impactos positivos nesse campo, ao propiciarem o aumento da sociabilidade e participação das mulheres em atividades públicas, extrapolando os limites da vida doméstica e comunitária. Elas viajaram, conheceram gente nova, perderam timidez, expandindo aptidões comerciais, saberes, abrindo caminhos para uma perspectiva de empoderamento. Já no domínio doméstico, a maior

circulação das mulheres não trouxe uma distribuição mais igualitária de tarefas nem maior valorização social delas.

Em síntese, se pensarmos nos aspectos apresentados por Schmidt e Tannenbaum (2000), pode-se afirmar que houve notáveis discrepâncias na compreensão dos fatos, objetivos, métodos e valores em torno do Projeto Pimenta. Assim sendo, dessa experiência depreende-se que é necessário considerar a diversidade de sujeitos envolvidos nas diversas ações da Escola. Isto é, compreender que o coletivo de mulheres é, em verdade, perpassado por hierarquias de classe, de origem (rurais e urbanas), geração e escolaridade (letradas e não letradas), que se expressam no processo de trabalho, colocando limites ao sucesso das práticas.

Referências Bibliográficas

BARRUG, Maruja; WEHKAMP, Andy (Ed.). *Sin morir en el intento: Experiencias de planificación de género en el desarrollo*. Lima: NOVIB, 1994.

BENERIA, Lourdes; SEN, Gita. Accumulation, Reproduction and Women's Role in Economic Development: Boserup Revisited. In: VISVANATHAN, N. et al. (Coord.). *The Women Gender and Development Reader*. London: Zed Books, 1998.

BOSERUP, Ester. *Women's role in economic development*. Londres: Allen and Unwin, 1970.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher no Rio Grande do Sul. *Revista de Estudos Feministas*, 12(1): 360, janeiro-abril/2004, p.205-227.

BURGHART, Richard. His lordkship at the Cobblers' well. In: HOBART, Mark. *Na anthropological critique of development: The growth of ignorance*. London: Routledge, 1993.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores brasileiros. *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, 2º semestre de 2001, p.22-55

CASTRO, Mary Garcia. A dinâmica entre classe e gênero na América Latina: Apontamentos para uma teoria regional do gênero. In: *Mulher e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: IBAM, 1991.

CORRÊA, Sonia. *Relações desiguais de gênero e pobreza*. Recife: SOS Corpo, 1996.

FORTES, Meyers. Introduction. In: GOODY, J. (Ed.). *Development Cycles in Domestic Groups*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

FRANCH, Mônica; BATISTA, Carla; CAMURÇA, Silvia. *Ajuste estrutural, pobreza e desigualdade de gênero*. Um caderno feminista de informação e refl exão para organização de mulheres. 2. ed. Recife: SOS Corpo, 2003.

GARBER, Bill; JENDEN, Penny. Anthropologists or anthropology? The Band Aid perspective on development projects. In: POTTIER, Johan. *Practising development. Social science perspectives*. New York: Routledge, 1993.

GARCIA, Lorely; FRANCH, Mónica (orgs.) *A pimenta e o sonho*. Gênero e empreendedorismo na zona rural de João Pessoa. Campina Grande: Editora Universitária da UEPB, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica. In: _____. *Mulher e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: IBAM e Unicef, 1991. p. 23-38.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. O. *Entrepreneurship*. Boston: Irwin e McGraw Hill, 2002.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. O. *Entrepreneurship*. Boston: Irwin e McGraw Hill, 2002.

MAUSS, Marcel. O ensaio sobre o dom. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU e Edusp, 1974. v. 2.

OSTROM, Elinor. A Behavioral approach to the rational choice theory of collective action. *American Political Science Review*. v. 92, n. 1, p. 1-22, 1998.

PADILHA, Beatriz. O empreendedorismo na perspectiva de gênero: Uma primeira aproximação ao caso das brasileiras em Portugal. *Migrações*, n.3, outubro 2008, p.191-215.

PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004, p. 229-252.

PISCITELLI, Adriana (1996). Third World Practices, First World Funding and the Women Between: a Case Study in Brazil. *Atlantis. A Women's Studies Journal*. Vol. 21.1.

PORTOCARRERO, Patricia (Ed.). *Mujer en el desarrollo*. Balance y propuestas. Lima: Flora Tristán, 1990.

POTTIER, Johan. *Practising development*. Social Science Perspectives. New York: Routledge, 1993.

ROCHE, Chris. *Avaliação de Impacto dos trabalhos de ONGs*. Aprendendo a valorizar as mudanças. São Paulo: Cortez e ABONG; Oxford: Oxfam, 2002.

SCHMIDT, W.M.; TANNENBAUM, R. Management of Differences. *Harvard Business Review on Negotiation and Conflicts Resolution*. Harvard Business School Press, 2000.

SCHWADE, Elisete. Referências ao feminino nas práticas neo-esotéricas. In: LAGO, Mara Coelho de Souza et al. *Interdisciplinariedade em diálogos de gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

SCOTT, Russel Parry; CORDEIRO, Rosineide (Orgs.). *Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

SILIPRANDI, E. Mulheres rurais e políticas de desenvolvimento: considerações a partir da extensão rural. In: *X Congresso Internacional de Sociologia Rural*, 2000, Rio de Janeiro. Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2000. 15 p., paper 1317. 1 CD.